



A regra e a exceção

Desconfiai do menor gesto, por simples que pareça.

Não aceitai como tal a regra estabelecida; procurai nela a necessidade.

Rogamo-vos não dizer "é natural", diante dos acontecimentos diários.

Numa época onde reina a confusão e corre o sangue,

onde a ordem é desordem,

o arbitrário Lei,

e a humanidade se desumaniza,

não se diga jamais "é natural",

a fim de que nada passe por imutável.

Bertold Brecht, A exceção e a regra, 1929-1930.

A regra é desejar a morte da exceção. Então a regra da Europa cultural é organizar a morte da arte de viver, que ainda floresce.

Jean Luc-Godard, Je vous salue Sarajevo, 1993.

Eu quero dizer que, nessa grande inquietude em torno da maneira de governar e na pesquisa sobre as maneiras de governar, localiza-se uma questão perpétua que seria: "como não ser governado assim, por isso, em nome desses princípios, em vista de tais objetivos e por meio de tais

procedimentos, não dessa forma, não para isso, não por eles"

Michel Foucault, O que é a crítica? 1978.

Nós temos que entender a política da nossa comunidade e temos que saber o que a política deve produzir. Nós temos que saber que parte a política toma em nossas vidas. E até que nós nos tornemos politicamente maduros, nós sempre vamos ser desencaminhados, enganados ou manipulados para apoiar alguém que politicamente não tem o bem da nossa comunidade no coração.

Malcolm X, O voto ou a bala, 1964.

Nessa situação, mais do que em qualquer outra, não quero falar sozinha, mas antes, desejo trazer para perto outras pessoas, outras ideias, interrogações, pensamentos que não poderiam sair apenas de uma cabeça. *A regra e a exceção* nasce do convite de Telma Hoyler, no interior da sua pesquisa poética e acadêmica, artística e política. Desde então, o projeto se tornou coletivo, de muitas maneiras, convocando redes de trabalhadores para atuarem nas diversas frentes necessárias à construção de uma exposição. Por isso que, além das muitas epígrafes, trago expressões presentes nas obras expostas dos artistas intercaladas nesse texto, como gritos de guerra, palavras de ordem, conselhos ou ensinamentos, reverenciando e referenciando também Jean Tible, que utiliza esse procedimento em *Política Selvagem*.

A minha indagação inicial era investigar como artistas atualmente reagem a normas, leis, ordens, imposições, preceitos, prescrições, orientações, determinações, entre outras regras. **VÂNDALOS REBELDES TERRORISTAS VAGABUNDOS MANIFESTANTES.** Como esses imaginadores de mundos inventam modos de vida? **CABELO ARMADO DE IDEIAS.** Como reparam nas diferentes maneiras de fazer, participar e consumir política? **OFERTA.** Com olhar astuto, por vezes se dirigem ao campo progressista, em organizações coletivas, comunidades que fiscalizam políticas, reivindicam direitos e operam em cooperativas. **AQUI VIVO, AQUI VOTO! VOTO IMIGRANTE JÁ!** Mas também se atentam a novas e velhas tecnologias conservadoras. **PÁTRIA LIVRE. MONOCULTURA URBANA¹¹.**

O que nos leva a outra pergunta: *Como não ser governado?* Não apenas em busca de uma renúncia completa de todas as leis e formas de governo, mas antes, uma atitude crítica que constantemente

avalia, negocia e transgride as condições do poder sobre si. **NO FUTURE**⁹. Os trabalhos de arte expostos exibem essa postura, oscilando entre o desejo de reforma social e o anseio por revolução, enquanto lutam pelo reconhecimento da cidadania de pessoas imigrantes e refugiadas por meio do voto e da garantia de outros direitos fundamentais como saúde, educação e moradia digna; relembram a história racista do país e seus prolongamentos até os dias atuais; ensinam formas autônomas de construção de casas; valorizam saberes tradicionais e populares, apontando para os limites do conhecimento acadêmico; promovem uma crítica da ocupação das cidades e debatem os limites da liberdade individual em uma sociedade democrática.

As estratégias assumidas pelos artistas são diversas, dentre elas, apontar códigos tácitos, mas que estão em vigor, almejar a destruição de normas excludentes, fomentar a fiscalização e o cumprimento das leis vigentes justas, reivindicar a criação de novas leis, realizar investigações autorreferentes de modo a empreender um resgate histórico parcial, comprometido e implicado, desde acontecimentos recentes ao tempo persistente do Brasil colônia. A normatividade aqui em questão está na constituição, mas também em outras convenções sociais e costumes, até mesmo nas regras silenciosas da arte. **A VIOLÊNCIA NOS UNE.**

Sem mais perguntas, somos atingidos pelo o clamor de que nada seja naturalizado, para que vivamos em permanente estado de vigilância, pois mesmo a lei não é uma bússola confiável. **FAÇA O TRAJETO COM FIRMEZA, PACIÊNCIA E CAUTELA.**

Mas não é só pela palavra que se manifestam as obras. É também pelo silêncio. Dos gestos de políticos dissecados em ***Fale com minhas mãos***; pela estrutura de ***Representação*** que sugere a ascensão das propagandas políticas (santinhos) ao voto (boletins de urnas); pelo ***Apagamento por branquinho*** que omite nomes para evidenciar profissões e círculos sociais dos signatários da carta pública ***Todos têm direitos iguais na República Democrática***; pelas peças da arma plástica funcional de ***Código Aberto*** produzida por impressora 3D através de projeto disponível *online*, um instrumento de revolta e de ódio que interroga o futuro e a circulação de ideias; pelo movimento do corpo em ***Pura Selva***, um diálogo entre cultura pop e o devir animal; pelas constelações de sentidos do Cruzeiro do Sul, presente nos símbolos oficiais brasileiros, nomes de rua, o mesmo que só é visível do nosso hemisfério, e as demais cruzeiros, xis, cruzamentos e encruzilhadas de orientação além da razão branca em ***Intrometida, risonho e límpido***, em ***Símbolo*** e na série ***Tudo o que brilha no sul do céu é um infinito escuro***¹⁰.

Essa exposição se organizou pelas suas dissonâncias, pelas diferentes demandas, reivindicações, sabedorias, estratégias,

práticas e táticas. No entanto, na pluralidade há um horizonte partilhado: da insubordinação, da inquietação com os poderes, do espírito de revolta, da vontade de agir. Isso acontece porque há uma *regra*, mas também há uma *exceção*.

Érica Burini